

# Cristofobia, ressentimento religioso e discurso político no X

*Christophobia, religious resentment and political discourse on X*

Sandson de Souza Costa<sup>1</sup>  
Francisco Vieira da Silva<sup>2</sup>

## RESUMO

Este artigo debruça-se sobre a produção discursiva do termo *cristofobia* no discurso político da atualidade brasileira, com o objetivo de analisar a construção de uma vontade de verdade de perseguição que dá condições de emergência a práticas fundamentalistas. Fundamentamos nos Estudos Discursivos Foucaultianos, mobilizando uma arqueogenealogia (2017-2021) das formas discursivas da cristofobia como estratégia discursiva e com a noção de ressentimento de Nietzsche (2009). Selecionamos como corpus 4 postagens que circularam no X no período de 2020 a 2022. As análises permitiram observar que, no Governo Bolsonaro, políticos religiosos propagaram discursos através de redes sociais que produzem a vontade de verdade de uma perseguição aos valores cristãos por parte da esquerda. Essas discursividades constituem uma racionalidade intolerante e, por conseguinte, se valem de um discurso que inverte as posições sujeito para justificar práticas de ódio contra grupos minoritários.

**Palavras-chave:** Discurso político. Ressentimento religioso. Cristofobia.

## ABSTRACT

This article focuses on the discursive production of the term Christophobia in current Brazilian political discourse, with the aim of analyzing the construction of a will of truth of persecution that gives conditions for the emergence of fundamentalist practices. We base ourselves on Foucauldian Discursive Studies, mobilizing an archeogenealogy (2017-2021) of the discursive forms of Christophobia as a discursive strategy and with Nietzsche's notion of resentment (2009). We selected as corpus 4 posts that circulated on X in the period from 2020 to 2022. The analyzes allowed us to observe that in the Bolsonaro Government, religious politicians propagated discourses through social networks that produce the will for truth of a persecution of Christian values by the left. These discursivities constitute an intolerant rationality and, therefore, use a discourse that inverts subject positions to justify hate practices against minority groups.

**Keywords:** Political discourse. Religious resentment. Christophobia.

<sup>1</sup> Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem (PPCL) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Mossoró/RN, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3505-3869>. E-mail: [sandson314@gmail.com](mailto:sandson314@gmail.com).

<sup>2</sup> Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística (PROLING) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Docente da Universidade Federal Rural do Semi-Árido. Caraúbas/RN, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4922-8826>. E-mail: [francisco.vieiras@ufersa.edu.br](mailto:francisco.vieiras@ufersa.edu.br).

## 1 INTRODUÇÃO

*Se me perseguiram, também perseguirão vocês. Se obedecerem à minha palavra, também obedecerão à de vocês (Jo 15:20).*

De acordo com os escritos bíblicos na epígrafe acima, é possível afirmar que Cristo antecipava aos seus discípulos que haveria perseguição. Paulo afirmava que todos aqueles que desejavam viver piedosamente seriam perseguidos, não por puro ódio, mas pela rejeição às atitudes piedosas. Na narrativa cristã, a Igreja se levanta piedosamente em favor da salvação do mundo, mas este, em decadência espiritual, não suporta verdade da benevolência divina e sentirá o desejo de persegui-la. Um cristão verdadeiro precisa permanecer fiel, pela fé, certo que assim será. "Ora, todos quantos querem viver piedosamente em Cristo Jesus serão perseguidos" (2 Tm 3, 12). Desejoso pela apostasia, quem planeja toda forma de perseguição aos verdadeiros cristãos é o próprio mal. Portanto, nessa ótica, é preciso obedecer às leis divinas e ter crença plena nas escrituras sagradas, para que o mundo obedeça também à doutrina dos mensageiros da palavra de Deus e seja liberto do pecado.

Essa concepção de que há perseguição aos cristãos por exercerem sua fé invade a esfera política brasileira e, com o avanço das igrejas, influencia os debates públicos (Matos Júnior, 2023). Em 2020, no discurso de abertura na 75ª Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU), Jair Bolsonaro, então Presidente da República, afirmou: "a liberdade é o bem maior da humanidade. Faço um apelo a toda comunidade internacional: pela liberdade religiosa e pelo combate à cristofobia". O termo *cristofobia*, nos últimos anos, tem sido discutido nas mídias sociais, nos espaços religiosos, como também, na política. É um sintagma que intensifica e consolida a narrativa, articulada por parlamentares religiosos no Congresso, que pontua para a existência de perseguição, ameaça e ataque aos valores cristãos. Em alguns lugares do mundo, essa percepção pode ser efetivamente constatada, contudo, no Brasil, seu uso é questionável em razão do fato de que mais de 80% dos brasileiros se autodeclaram cristãos, segundo o Datafolha (2020).

Devido a essa elevada porcentagem, observa-se que os discursos se dispersam, misturando-se com as políticas de um governo ultraconservador, neoliberal e com as racionalidades discursivas do fundamentalismo cristão (Costa; Silva, 2023), que mobiliza os valores religiosos e o *pathos* da fé para instaurar um pânico moral, articulado por uma retórica do medo e terror no sagrado e nas emoções dos fiéis. Pastores que também são políticos, como o deputado federal Marco Feliciano, que (re)descrevem os movimentos de inclusão da comunidade LGBTQIAPN+ como um ataque direto aos princípios cristãos, têm um papel fundamental na propagação dessas discursividades, como inversão de realidades: as minorias perseguem as maiorias.

Ao contrário do que defendem os pentecostais, segundo Burity (2015), trata-se de de um movimento de torção, de uma *minoritização*, um agenciamento por parte dos evangélicos pentecostais que, sendo uma minoria, beneficiou-se das políticas públicas possibilitadas pela experiência democrática, investiu reativamente contra outras minorias e se sustentou na unidade do cristianismo como um todo.

A fala de Bolsonaro na ONU foi alvo de ridicularização, mas seu uso e suas reverberações são estratégicos e têm finalidades específicas, porquanto fazem parte de um projeto de vontade de poder elaborado para exercer poder através de – em termos

foucaultianos – regimes de verdade (Foucault, 2011). Não existe pretensão alguma de defender a liberdade religiosa ou tratar a inclusão e aceitação de todos os credos. Mas, na verdade, constitui a pregação disfarçada, nos jogos de força, no confronto de narrativas e de mecanismos de exclusão do discurso, de que uma única crença é legítima e por esse motivo, deve se sobrepor às outras. Nesse sentido, devemos pensar, de acordo com Foucault (2021), uma análise das condições de possibilidade de irrupção do uso do termo *cristofobia*, não para procurar sua origem, ou mesmo reconhecer alguma verdade, mas para compreender em que jogos de poder está situado, quais os níveis de projeção de saberes e mecanismos estratégicos são utilizados para exercer poder, as peripécias, os joguetes e os vacilos cometidos.

A *cristofobia*, nessa produção discursiva, pode ser compreendida como uma maneira pela qual os religiosos radicais buscam contrapor o fundamentalismo e instigar o uso desse termo como categoria acusatória (Burity, 2018). Com isso, o bolsonarismo desenvolve novas formas de travar batalhas com seus opositores políticos e os acusa pelo jargão “comunista” e alcunhas afins, no entrave de uma guerra espiritual articulada para destilar intolerância, rechaçar a realidade e possibilitar ataques aos modos de subjetivação divergentes da doutrina de condutas do cristianismo. Nos preparativos para as eleições de 2022, essas discursividades foram intensificadas com a narrativa do perigo que a vitória do opositor Lula representava às igrejas e aos cristãos. Diversas *fake news* foram compartilhadas, o que possibilitou disseminar angústia e sentimentos injuriosos. Emerge então o ressentimento com a retórica da necessidade do levante para a luta contra o mal, bem como estratégia política na obtenção de votos e reestruturação social<sup>3</sup>.

No liame desses apontamentos este trabalho objetiva analisar como a construção de uma vontade de verdade de uma cristofobia constitui uma estratégia discursiva que se ampara no ressentimento religioso e faz emergir determinados discursos políticos na rede social X.

Para tanto, situamo-nos nos Estudos Discursivos Foucaultianos, em diálogo com Deleuze (2005), na proposição de uma crítica ao discurso da cristofobia como vontade de verdade intolerante e com a ideia nietzschiana (2009) de ressentimento – considerando que não existe exercício do poder sem uma economia dos discursos (Foucault, 2021) – para tratar os efeitos de poder que ressoam de sua retórica em meio aos discursos positivistas alicerçados em universalidades na estruturação de uma governamentalidade autoritária.

Na construção do *corpus*, selecionamos 4 postagens na rede social X de políticos religiosos fundamentalistas no período de 2020 a 2022, considerando que a plataforma tem sido um dos meios mais usados por políticos brasileiros como parte de suas estratégias políticas de comunicação (Almeida, 2017). As postagens materializam as discursividades e nos servirão como enunciado, nosso objeto de análise. Para Foucault (2017), o discurso é constituído por um conjunto de enunciados que apresentam uma relação uns com os outros. Portanto, os enunciados que compõem o *corpus* é que mostrarão de que elementos se constitui e como funcionam os mecanismos discursivos, na articulação dos dizeres com sua historicidade, com aquilo que torna possível dizer o que se diz (Foucault, 2017) se pensarmos as relações que compõem seu aparecimento na conjuntura histórica que lhes é própria (Deleuze, 2005). Desse modo, mobilizamos a arqueogenealogia de discursos como lente teórico-metodológica, para mostrar como os discursos se

<sup>3</sup> BBC News Brasil: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-59660213>. Acesso em: 19 jan. 2024.

movimentam e se modificam, bem como para fazer uma descrição das relações de poder que se exercem (Foucault, 2021) entre as forças políticas em atuação no cenário nacional.

Na sequência, discutiremos as condições pelas quais emergiram discursos sobre uma cristofobia no cenário político brasileiro, bem como seu uso estratégico que articula o religioso ao político na produção de saberes para justificar práticas fundamentalistas nos confrontos sociais. No tópico seguinte, trataremos de dar ênfase à constituição da racionalidade excludente e intolerante do bolsonarismo, a partir da análise de materialidades, com base na noção de ressentimento.

## 2 DA RESSIGNIFICAÇÃO RETÓRICA DA PERSEGUIÇÃO

Há 25 anos, a ONG internacional Portas Abertas, que oferece apoio a cristãos que sofrem perseguição, produz uma lista/ranking de 50 países onde o cristianismo é perseguido. O estudo é realizado com base em relatos de incidentes violentos<sup>4</sup>. Durante esse período, o Brasil nunca foi citado. Por outro lado, no primeiro semestre de 2019, denúncias de intolerância religiosa aumentaram cerca de 56% no território brasileiro, quando comparado ao ano anterior. A maior parte dos relatos foi feita por adeptos da Umbanda e Candomblé e soma 61% dos casos identificados. Estes dados, divulgados pelo Ministério da Mulher, Família e dos Direitos Humanos, na ocasião liderado pela ministra Damares Alves, mostram que a perseguição violenta acontece, em sua grande maioria, contra religiões de matriz africana<sup>5</sup>, as quais são demonizadas nos discursos de vertentes evangélicas. Tais dados contradizem a cristofobia apregoada por Bolsonaro, visto que o esmagador percentual de cristãos no Brasil constitui uma imensa maioria. Faz-se necessário então levantar uma questão basilar: que condições de possibilidade fizeram emergir o uso do termo cristofobia na atualidade brasileira?

A fala de Bolsonaro representa um aceno à sua base eleitoral evangélica. Isto porque este segmento religioso representa cerca de 30% da população, sua representação na Bancada Evangélica chega aos 20% da Câmara dos Deputados<sup>6</sup>. Essa parcela expressiva, em boa parte bolsonarista, constrói uma narrativa de que a esquerda é inimiga da religião, o que possibilita os fiéis sentirem-se atacados no que lhes é mais sagrado e queiram investir em políticos que defendem os valores cristãos, como uma forma de impedir que se consolide um governo "antirreligião". Nas eleições presidenciais de 2022, a *cristofobia* surge como uma ferramenta estratégica eleitoral para candidaturas da extrema direita conservadora, na medida em que a esfera política investe na defesa dos símbolos religiosos como força decisiva, enquanto que os eleitores cristãos se sentem acolhidos diante da ameaça de pressão às suas crenças, além do fato de que o aparato estatal oferece os meios pelos quais se pode legitimar a moral cristã como fundamento para a base da conduta social (Ferreira, 2020).

Dito de outro modo, considerando que o Cristianismo é a base cultural de conduta da maioria, objetiva-se que o aparato legislativo seja inspirado e impregnado pela visão religiosa de mundo que garante a segurança da supremacia cristã e, portanto, é necessário que se elejam candidatos cristãos. Esse cenário propiciou, por exemplo, o

<sup>4</sup> Vide lista mundial da perseguição a cristãos: <https://portasabertas.org.br/lista-mundial/entenda-a-perseguiçao-aos-cristaos>. Acesso: 19 jan. 2024.

<sup>5</sup> Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/01/21/denuncias-de-intolerancia-religiosa-aumentaram-56-no-brasil-em-2019>. Acesso em: 19 jan. 2024.

<sup>6</sup> Disponível em: <https://www.camara.leg.br/internet/deputado/frenteDetalhe.asp?id=54010>. Acesso em: 19 jan. 2024.

surgimento da máxima “vote em candidatos terrivelmente cristãos”. É preciso ser terrível no combate às forças do mal. Diversos candidatos bolsonaristas utilizavam essa discursividade para construir essa imagem de cristão terrível<sup>7</sup>, segundo sua doutrina que “tende a difundir-se; e é pela partilha de um só e mesmo conjunto de discursos que indivíduos, tão numerosos quanto se queira imaginar, definem sua pertença recíproca” (Foucault, 2014, p. 39-40). Muitos deles alegavam não se tratar apenas de uma luta política, mas de uma guerra espiritual<sup>8</sup>.

Figura 1 – O pastor político



Fonte: Perfil do X do Deputado Marco Feliciano<sup>9</sup>.

No enunciado, com uma imagem de si no parlamento, o deputado Marco Feliciano (PL) fala enquanto pastor. Nota-se, em sua retórica, o tom angustiante e desafiador pelo uso de letras maiúsculas em exclamação, bem como seu apelo à fala e ao espaço político que ocupa para declarar seu posicionamento cristão. A caixa alta é um elemento que auxilia na ênfase das preocupações do deputado: falar de política para não ser proibido de falar de Jesus. Contudo, uma análise das formas e estruturas não esgota os sentidos: quem pretende proibir o deputado pastor de falar de Jesus no futuro? Qual a necessidade dessas colocações? Ou em termos foucaultianos (2017) porque essa enunciação e não outra em seu lugar? *A priori*, podemos dizer que se trata de uma recorrência ao seu cargo público para situar sua empreitada contra as perseguições aos cristãos. É nesse sentido que atores políticos encontram no discurso religioso uma forma de representar o ideal da maioria, eles têm o objetivo de se inserir na esfera política para incorporar uma demanda de cidadãos e sua agenda religiosa, mas parte da lógica de exercer poder (Pérez Guadalupe, 2019).

Para Foucault (2021), o discurso manifesta efeitos de poder, uma vez que os saberes produzidos instituem vontades de verdade que seguem uma ordem reguladora, o que possibilita a normatização e o controle de condutas ao estabelecer regras por todo o corpo social onde atua esse discurso. Considerando isto, o efeito de universalidade presente no discurso religioso cristão possibilita efeitos de poder em larga escala. Em seus termos,

Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua *política geral* de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade (Foucault, 2021, p. 39).

<sup>7</sup> Materialidade desse discurso: <https://twitter.com/clarissatercio?lang=en>. Acesso em: 19 jan. 2024.

<sup>8</sup> Enunciado que materializa essa retórica: <https://twitter.com/caroldetoni/status/1559499108620156929?lang=zh-Hant>. Acesso em: 19 jan. 2024.

<sup>9</sup> Disponível em: <https://twitter.com/marcofeliciano/status/1467529375012859904?lang=en>. Acesso em: 19 jan. 2024.

Nesse sentido, um dado discurso fundamentalista que é produzido para causar um efeito de verdade é regulado por instituições com o mecanismo da positividade racionalizada, é também uma forma de efetivar o exercício do poder na sociedade, considerando que os fundamentalismos “são formas de espiritualidade combativas, que surgiram como reação a alguma crise. Enfrentam inimigos cujas políticas e crenças secularistas parecem contrárias à religião [...] como uma guerra cósmica entre as forças do bem e do mal” (Armstrong, 2001, p. 7). Portanto, objetivam dessacralizar o mundo, livrar-se de condutas desviantes do regime doutrinário. Neste trabalho, as formas positivistas do discurso da cristofobia, que articulam a produção da posição sujeito cristão como perseguida por um inimigo de sua fé. Isto porque, para atingir certos efeitos de poder, na medida em que se difunde uma verdade, no caso do fundamentalismo bolsonarista, os saberes circulam em diversos espaços sociais e provocam também lutas ao passo em que visa excluir um discurso considerado falso que, de seu ponto de vista, quer estabelecer verdades antagônicas e que confronta seus saberes constituintes (Deleuze, 1990).

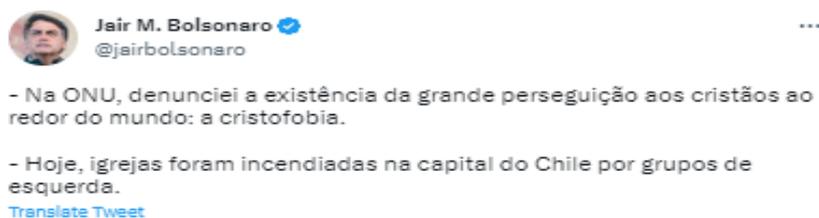
Prosseguindo com a análise de outra materialidade, evocamos do arquivo o seguinte acontecimento. Em 2012, um estudante foi assassinado no Estado da Bahia por abraçar seu irmão. O crime foi tipificado com motivação homofóbica. Em decorrência disso, o deputado federal Roberto Lucena (PV/SP), faz seu discurso contra discriminações de qualquer natureza. Essa pode ser uma das formas de emergência do uso do termo *cristofobia* na Câmara dos Deputados<sup>10</sup>. No momento, eram discutidas questões de orientação sexual e o tratamento por parte do Conselho de Psicologia, o que provocou forte reação dos movimentos LGBTQIAPN+ pelo caráter patologizante da homossexualidade; reverberaram-se então os discursos sobre a *cura gay*. O deputado Marco Feliciano, em 2010, propôs um plebiscito para a deliberação a respeito do casamento homoafetivo na expectativa de que haveria rejeição social. Enquanto presidente da Comissão dos Direitos Humanos (em 2013), o deputado questionava a legitimidade do Congresso Judiciário em relação às decisões a respeito de questões morais concernentes à sexualidade. No governo Bolsonaro, o pastor diz ser o momento mais propício para se falar em cristofobia, do “preconceito contra cristãos evangélicos”, em 2022, rechaça as medidas do supremo ao tornar ilícito o discurso de patologização da homossexualidade. Culpabiliza-se, portanto, a esquerda. Contudo, o que se segue é uma forte perseguição a esses grupos minoritários com tentativas de aprovação de projetos de lei na retirada de seus direitos<sup>11</sup>.

Considerando essas formulações, pode-se afirmar que os regimes de enunciados produzem um saber, uma racionalidade, um “espírito epocal” ou um movimento social. Visto isso, são esses regimes que é necessário definir pelo visível e pelo enunciável, com suas derivações, as suas transformações, as suas mutações inseridas nas acontecimentalizações que os tornam dizíveis (Deleuze, 1990). Diante dessa conjuntura, o discurso que produz a proibição mencionada no enunciado pode ser relacionada: quando a justiça democrática entra em confronto com os desejos fundamentalistas de uma discursividade odiosa contra as condutas minoritárias que são por esse formação discursiva tidas como pecaminosas e depravadas, o pastor chama de “perseguição”. A inversão é vacilante, mas evasiva e bem mascarada, aos olhos daqueles que se constituem como sujeitos cristãos e veem nessas práticas homoafetivas uma afronta aos valores cristãos, trata-se de uma ameaça aos seus princípios mais íntimos. No enunciado da figura 2, pode-se notar como essa posição é intensificada.

<sup>10</sup> Disponível em: <https://religioepoder.org.br/artigo/cristofobia/>. Acesso: 19 jan. 2024.

<sup>11</sup> Dados podem ser aqui conferidos: <https://www.metropoles.com/brasil/politica-brasil/projetos-conservadores-ameacam-direitos-lgbtqi-no-congresso>. Acesso em: 19 jan. 2024.

Figura 2 – Cristofobia ao redor do mundo



Fonte: Perfil do X de Jair Bolsonaro<sup>12</sup>.

Na figura 2, postagem de Bolsonaro no X, tem-se a referência aos acontecimentos no Chile em 2020, nos quais dezenas de milhares de chilenos se reuniram em diversas cidades do país para marcar o aniversário de um ano de protestos em massa, que levaram o governo a elaborar um plebiscito para mudar a Constituição nacional que data do período da ditadura de Pinochet. Os atos começaram pacíficos, contudo, ao decorrer do dia, houve confrontos com policiais e incêndios. Duas igrejas acabaram queimadas. Na mídia local<sup>13</sup>, circulou a notícia de que as igrejas foram atacadas por terem sido usadas pelo regime militar, uma como base para tortura, outra para arquivamento de informações sobre perseguidos na ditadura.

Ao fazer essa menção, Bolsonaro também diz ter denunciado a “grande perseguição” aos cristãos pelo mundo. Ao trazer o fato de que os incêndios foram provocados por militantes políticos à esquerda, Bolsonaro consegue fundamentar seu discurso de que essa perseguição é articulada pela esquerda brasileira, seus inimigos. Esses discursos ressoam as crenças religiosas que, conforme notamos, são investidas nas escrituras sagradas e na crença dos fiéis, o que permite levantar a ideia da perseguição (Ferreira, 2019).

Para Bergson (1999, p. 77), “a memória, praticamente inseparável da percepção, intercala o passado no presente”, sendo que “nossa memória escolhe sucessivamente diversas imagens análogas que lança na direção da percepção nova” (Bergson, 1999, p. 116). Nesse sentido, o enunciado busca fazer uma transferência discursiva de um acontecimento para outro, dos conflitos sociopolíticos do Chile para a *guerra espiritual* no Brasil. É o caso dos acontecimentos do atentado terrorista no Sri Lanka, no feriado da Páscoa de 2019 que matou 253 pessoas e feriu outras 500<sup>14</sup>. Uma das vítimas do atentado terrorista na França era uma cristã brasileira. Essa ocorrência serviu como munição ao discurso da cristofobia no Brasil. Essas repercussões investem no *pathos* social da esfera religiosa e atinge o ambiente familiar, o que gera preocupações difusas, através de um efeito de transferência de realidades na retórica bolsonarista, sobretudo, ao ser discursivizada por um presidente de uma nação. “A lei moral se inscreve no fundo de nossos corações, como uma memória da Paixão” (Derrida, 2018, p. 21): A imagem da igreja em chamas, choca, militantes que comemoram seu feito, causa ressentimento. A construção do inimigo que ataca seus valores exige, ao mesmo tempo, a elaboração de um contra-ataque.

<sup>12</sup> Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1318354503477985283>. Acesso em: 19 jan. 2024.

<sup>13</sup> Repercussão dos acontecimentos materializada no X: <https://twitter.com/rvfradiopopular/status/1318403512477405185?ref>. Acesso em: 19 jan. 2024.

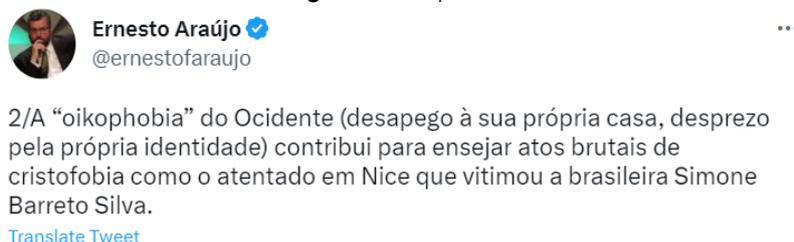
<sup>14</sup> Disponível em: [https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2019/04/22/interna\\_internacional,1048083/atentados-no-sri-lanka-o-que-sabemos-sobre-os-ataques-com-290-mortos.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2019/04/22/interna_internacional,1048083/atentados-no-sri-lanka-o-que-sabemos-sobre-os-ataques-com-290-mortos.shtml). Acesso em: 19 jan. 2024.

### 3 O RESSENTIMENTO COMO GESTÃO DA NARRATIVA DA PERSEGUIÇÃO

É comum encontrarmos materialidades enunciativas que veiculam tons odiosos de discursos em relação às pautas minoritárias no bolsonarismo (Rocha, 2021). Devido ao sentimento de injúria e revolta contra as subjetividades que não se encaixam na visão de conduta moral da extrema direita fundamentalista, suas condutas se tornam alvo diário de ira. Ao se confrontar a verdade cristã como condição de possibilidade de constituição da conduta social brasileira, a presença do discurso religioso na produção e estabelecimento dos discursos e saberes que compõem as noções pelas quais se tomam as decisões quanto ao agir político e público, o que resta é o *ressentimento*. Isto considerando que o fundamentalismo cristão se refere a teologias que, de acordo com as quais a revelação divina é concebida como princípio estruturante de organização da sociedade em todas as suas variadas dimensões (Santos, 2014).

O ressentimento, segundo Nietzsche (2009), é uma das condições mais perigosas ao homem. Essa condição parece ser recorrente na modernidade – Entendemos a *modernidade* mediante a tese foucaultiana (2013) de que no fim do século XVIII, rompemos com ilusão do fundamento absoluto do conhecimento: a emergência do Iluminismo. O receio nietzschiano é de que essa condição se torne contagiosa e que, com isso, consiga manobrar uma inversão de valores na qual os *soberbos da verdade* triunfem sobre os valores históricos, no qual os *mesquinhos raivosos moralistas da decadência* se multipliquem e reencontrem proliferação, o que permite reconfigurar o seu fracasso como a volta de Deus, sua vingança. Isto porque Segundo Sloterdijk (2019), na ânsia pela volta de Cristo, o discurso do sujeito cristão produz a pressa pelo seu retorno – não à toa, muitos esperam por esse retorno aconteça em enquanto vivo: é o querer-ser presente no advento último rumo à eternidade e concretização da revelação manifestada. A moral do ressentido nasce da incapacidade de encontrar saídas outras para sua condição de paralisia. Em sua incapacidade de agir, o tipo ressentido tende a se tornar cada vez mais incapacitado e em sua busca frustrada por afirmação de si, recorre a táticas desesperadas, confunde-as com um alívio de energias represadas e apela a atitudes excêntricas em busca de descarregar de uma vez todas as suas energias (Nietzsche, 2009). Pode-se verificar o que afirma no enunciador a seguir:

Figura 3 - *Oikophobia*



Fonte: Perfil do X de Ernesto Araújo<sup>15</sup>.

Como ministro das Relações Exteriores (2019-2021), Ernesto Araújo se posicionava publicamente no "enfrentamento da perseguição aos cristãos na agenda internacional", pois, segundo seu discurso, havia uma desvalorização do cristianismo pela "cultura politicamente correta". Motivado por essa justificativa, numa chamada para reação,

<sup>15</sup> Disponível em: <https://twitter.com/ernestofaraujo/status/1322193582871203843>. Acesso em: 19 jan. 2024.

clamava ao mundo para levantar-se contra a perseguição e opressão aos cristãos<sup>16</sup>. No enunciado 3, o ministro fala de uma “oikophobia” no Ocidente. *Oikos* é uma palavra grega que pode ser traduzida como casa, ambiente doméstico/familiar ou família. *Phobia* significa um medo extremo ou aversão exagerada por algo ou alguém: assim temos medo/aversão à família, ao ambiente familiar. O próprio sujeito enunciativo explicita: o “desapego à sua própria casa, desprezo pela própria identidade” contribui para o desfecho de atitudes “brutais de cristofobia”. Faz também uma menção ao ocorrido com a brasileira assassinada em Nice, mais uma vez a regularidade discursiva em relação ao enunciado anterior e o arquivo mencionado, na qual encontramos a intenção de atingir o *pathos* religioso.

Ao considerar que o Ocidente está alicerçado, em sua base sociocultural, pelo cristianismo (Nietzsche, 2009), podemos dizer que quando esses valores são questionados, haverá resistência dessa maioria. O fundamentalismo se caracteriza como um fenômeno reacionário aos movimentos de transição do pensamento humano que passa da rigidez da fé e da universalização de ideias para as rupturas que seguem desde a emergência do Iluminismo (Armstrong, 2001). A esses movimentos de transformações os quais deram condições de emergência à modernidade, Nietzsche (2012) deu o nome de morte de Deus. Se transferirmos essas descontinuidades para os acontecimentos do contexto brasileiro que já se mostra como um mosaico complexo e diz respeito à formação de processos e relações sociais longevos, podemos apreender a construção de identidades com base nas vontades de verdade e crenças disputadas e assentadas ao longo dos séculos no Brasil, nos qual os cristãos são uma centralidade indiscutível (Ferreira, 2019).

Assim, importa-nos salientar que o Cristianismo participou de múltiplos processos de formação da *identidade* nacional (Gondim, 2020). Ora, então esse “desapego à própria casa”, esse “desprezo à própria identidade”, seria então um desprezo aos princípios que constituem a nação cristã brasileira, a normatização da conduta social alicerçada pela doutrina. O desapego seria à nação cristã, o desprezo, aos valores produzidos dentro dos regimes da verdade do Cristianismo. O que ressoa dessa retórica é o efeito evocado: o desapego e o desprezo aos valores cristãos “enseja atos brutais de cristofobia”. A dimensão de enunciação remete às linhas pelas quais são distribuídas e variadas: atravessam limiares nos conflitos em função de projetos políticos (Deleuze, 1990). São linhas de força que dizem respeito às relações de poder e se entrecruzam com as demais dimensões, com as outras linhas em enunciação, nas referências em ligações com o arquivo dessas discursividades. Elas estabelecem pontos de tensão entre os saberes produzidos e as práticas no exercício do poder, pelos quais se faz possível emergir o ressentimento no religioso.

A título de exemplo, o *slogan* bolsonarista *Deus, pátria, família*, utilizado para manifestar os valores do ultraconservadorismo bolsonarista. *Deus* evoca o discurso moral do religioso, *pátria*, o militar, apreço às Forças Armadas e apologia à Ditadura Militar Brasileira. O termo *família* – lembremos do *oikos* – tem sido associado à defesa da família heteronormativa no combate à possibilidade de famílias com união homoafetiva e ao aborto, completamente rejeitados pelo discurso bolsonarista fundamentado segundo sua concepção da moral cristã. Projetos, em *defesa da vida*, contrários ao aborto batem recordes na gestão Bolsonaro<sup>17</sup>. Vale salientar que grupos bolsonaristas discursavam em

<sup>16</sup> Materialidade desses dizeres: <https://twitter.com/ernestofaraujo/status/1119992299197386755>. Acesso em: 19 jan. 2024.

<sup>17</sup> Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/09/14/projetos-de-lei-aborto-camara-dos-deputados.htm>. Acesso: 19 jan. 2024.

favor da vida, contudo, a irrupção de enunciados como “bandido bom é bandido morto” preenchem as mídias com contradições. O termo *Liberdade* foi acrescentado em 2022 e emerge em razão do acontecimento histórico da pandemia da covid-19, com intuito de alegar a perseguição a cristãos, à liberdade religiosa – como medida de enfrentamento ao vírus, o *lockdown*, fechavam-se também igrejas, o que possibilitou a intensificação da retórica de perseguição –, que segundo bolsonaristas, estava em risco com a possibilidade de vitória do partido opositor<sup>18</sup>.

O oprimido fundamentalista retorna e, pelo ressentimento, quer se mostrar perseguido diante das crises que os valores absolutos encontram na democracia, para então justificar aversão à pluralidade (Sloterdijk, 2019). Para Derrida (2018, p. 63), a reatividade do ressentimento se opõe ao que “apropria a indenização religiosa a todas as formas de propriedade, do idioma linguístico ‘literalmente’ ao solo e ao sangue, à família e à nação”. O enunciado a seguir exemplifica essas noções.

**Figura 4** – Igrejas serão fechadas



**Fonte:** Perfil do X de Marco Feliciano<sup>19</sup>.

Mais uma vez trazemos as manifestações da vontade de verdade do pastor Marco Feliciano. Dessa vez, compartilha a ideia de que não restam dúvidas sobre o destino da igreja caso Lula ganhasse as eleições em 2022: elas seriam fechadas. A *fake news* busca ser fundamentada pela menção ao caso do cantor sertanejo Gustavo Lima, assumidamente bolsonarista, enquanto investigado pelo envolvimento com corrupção do dinheiro público, com apresentações canceladas e vasta repercussão negativa (Congresso em Foco, 2022). Na ocasião, bolsonaristas, como no caso do enunciado 4, entraram em defesa do cantor, com a alegação de ser perseguição da esquerda. O momento era fervoroso para os bolsonaristas, propício para manifestar alusão à cristofobia, visto o posicionamento político-religioso do artista. Na sequência, o pastor alega existir vingança a todos que foram a favor do *impeachment* de Dilma. A perseguição seria “implacável”, note-se a exclamativa. Nesse caso, faz-se mais uma vez, uma transferência entre acontecimentos, na qual, de alguma forma, podem ser ligados ao Cristianismo para justificar o discurso da cristofobia – Eduardo Bolsonaro, para exemplificar, comentou que a Nike ao não disponibilizar a personalização das camisas da seleção brasileira de futebol com nomes de divindades (quaisquer) na Copa do Mundo cometeu um ato de cristofobia<sup>20</sup>. O cristão “reage, logo, *sutilmente*, declara guerra ao que não lhe confere [...] desalojando-a de todos os seus lugares próprios, na verdade do próprio lugar, do *ter-lugar* de sua verdade” (Derrida, 2018, p. 64). Quanto à menção a Dilma, trata-se de apontar o causador da perseguição para sustentar a garantia de uma evidência indubitável de que

<sup>18</sup> Essa postagem mobiliza esse discurso: <https://twitter.com/marcofeliciano/status/1560276683487264771>. Acesso em: 19 jan. 2024.

<sup>19</sup> Disponível em: <https://twitter.com/marcofeliciano/status/1532089605054406656?lang=en>. Acesso em: 19 jan. 2024.

<sup>20</sup> Disponível em: <https://twitter.com/bolsonarosp/status/1593288776821899276?lang=zh-Hant>. Acesso em: 19 jan. 2024.

a esquerda, em sua vingança contra os cristãos, fecharia as igrejas num possível Governo Lula.

Se considerarmos, pois, que a investida extremista religiosa num discurso da vítima ressentida dá condições de possibilidade ao uso do termo *cristofobia*, o sacerdote ascético representa, segundo Nietzsche (2009), o ponto mais alto do ressentimento e da má consciência reacionária. A ele cabe a responsabilidade do acabamento. Os ideais ascéticos são aquela racionalidade que coloca a vida contra ela mesma em busca de dominação da vida em si. Padres e pastores reverberam essas práticas. Isto porque no Cristianismo, o homem segue sua vida e sente-se culpado, envergonha-se, exclui sua própria existência ao resistir às tentações do pecado, tenta desviar seu olhar de qualquer realidade outra que não seja a produzida pelo discurso cristão, metafísico, esconde-se nas interpretações dos sinais da bíblia.

O sacerdote ascético se aproveita de todo sentimento de culpa para tornar os ressentidos inofensivos em reativos, ele administra os remédios para que o homem possa suportar sua dor e mostra os espaços de criação da moral (Nietzsche, 2009). No enunciado da figura 4, o pastor Marco Feliciano materializa esse ressentimento do sacerdote ao inverter as formas de perseguição, ao dizer que busca vingança, sua retórica inverte mais uma vez: a vingança é a do sacerdote, vingança contra as condutas e pensamentos que se opõem aos valores ascéticos do cristianismo. Para ele, essas subjetivações são, pela esquerda, a própria "encarnação do mal". Para isso, distorce realidades, cria a ideia de que há embates aos seus valores, ao passo em que aponta a si mesmo e seus pares como defensores da sociedade (leia-se *sociedade cristã*).

Tais ideais na modernidade, quando são exauridos do domínio dos regimes de verdade sociais, buscam agonisticamente, não apenas se manter vivos, mas exigem sua posse novamente e, para isso reconfiguram-se, por outros meios se inscrevem na criação de lutas, com vistas a alcançar a posse da verdade. Da verdade que o faz se manter vivo, a verdade que faz manter as tradições ocidentais vivas (Foucault, 2013). Tradições essas que se corporificam na expressão cristã dos valores no Brasil, do comportamento civil, dos sujeitos e racionalidades bolsonaristas que operam a vida em sociedade, por uma vontade de verdade autoritária, que objetiva construir através da própria noção de mundo, uma nação intolerante e violenta. É nesse campo vasto que se situa o ressentimento religioso no discurso – e também político – da cristofobia. O ideal ascético percebeu que as verdades hora tidas como imortais, são passíveis de morte e isso fez com que o desejo pela sua permanência, gerasse ressentimento (Nietzsche, 2009) e, conseqüentemente, sua busca por vingança.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em concordância com o objetivo estabelecido, analisamos como a cristofobia constitui uma estratégia discursiva ensejada pelo ressentimento religioso e faz emergir práticas fundamentalistas na atuação política no X. As formas de discursivização da verdade emergem das relações de força e exercício do poder no recorte temporal de cada época e espaço. A racionalidade que nos confrontos dessas relações consegue instaurar regimes de verdade inscreve a ordem do discurso, pela qual estabelecem as normas dos dizeres: o que pode ou não ser dito, bem como, por meio dessa economia dos discursos, ditar a conduta social adequada ou abjeta.

Na esfera religiosa, os discursos são produzidos com o aparato convencional da irreduzibilidade da verdade das escrituras. Visto o contexto brasileiro, no qual a esmagadora maioria é cristã, é de se esperar que esses discursos permeiem todas as instâncias sociais, inclusive a política. Nesse atravessamento discursivo, a religião encontra os meios pelos quais pode legitimar suas verdades através do aparato legislativo estatal. As vias de conveniência são múltiplas.

Na retórica bolsonarista que discursiviza o fenômeno da cristofobia no Brasil, encontramos diversas facetas que apontam mecanismos discursivos, que viabilizam as maneiras pelas quais se utiliza a verdade sagrada, o *pathos* religioso, as emoções dos sujeitos cristãos para causar um pânico moral, na alegação de que sua fé e valores mais íntimos correm grande perigo: é a construção do inimigo em comum, aqueles opositores à palavra santa, segundo essa formação discursiva, que projetam no político, sua vontade de perseguir o cristianismo e as bases da sociedade brasileira. Aqui, sua casa, sua família, sua salvação correm perigo. É preciso, pois, investir em representantes políticos que defendam esses valores com força e dedicação para que as potestades do mal não prevaleçam – inicia-se a guerra espiritual em meio aos confrontos sociais.

Assinalamos que o discurso que, nesse ínterim, surge é o fundamentalista. Isto porque o fundamentalismo é reativo a tudo que diverge da verdade da bíblia e toma como base as crises sociopolíticas para justificar ataques diretos aos modos de subjetivação que distoam da conduta normatizada pela moral cristã. Essas discursividades invertem acontecimentos sociais, transferem eventos, enunciações e irrupções diversas para sustentar o discurso de que há perseguição à maioria, mediante de algumas estratégias, a saber: a) distorcem as próprias escrituras, reconfiguram os ensinamentos bíblicos para com aqueles que, supostamente, os perseguem. Onde Jesus diz “amem seus inimigos e perseguidores”, leia-se “persiga-os, confrontem-os”; b) há a inversão no exercício das relações de poder e de saber através de uma minoritização da maioria, pela qual os papéis de agressor e vítimas são invertidos, recontextualizando os acontecimentos em prol de sua narrativa; c) discursivizam, arremesando, as condutas que transgridem a doutrina comportamental cristã, como reativos com o intuito de justificar o levante contra forças do mal.

Isto, a partir de uma narrativa de perseguição que se materializa com conteúdos que dão certo nível de verossimilhança com o real de degradação moral, ao serem legalizadas e conseqüentemente, naturalizadas, as relações de homoafetividade, atreladas às questões de gênero e concepções de família. Portanto seus inimigos são identificáveis: as comunidades LGBTQIAPN+, os movimentos feministas, em suma, as políticas de esquerda que defendem essas existências, por isso, os políticos de esquerda. Por conseguinte, a contorção argumentativa da cristofobia torna o álibi discursivo que determinados cristãos acionam forças contra a ameaça dos avanços democráticos que possibilita a reivindicação de direitos. *Cristofobia* é utilizado como estratégia discursiva que afirma a supremacia de uma maioria cristã e justifica a perseguição real daqueles que não são maioria.

## REFERÊNCIAS

AFP. Atentados no Sri Lanka [...]. **Estado de Minas**. 21 abr. 2019. Disponível em: [https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2019/04/22/interna\\_internacional,1048](https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2019/04/22/interna_internacional,1048)

[083/atentados-no-sri-lanka-o-que-sabemos-sobre-os-ataques-com-290-mortos.shtml](#).

Acesso em: 19 jan. 2024.

ALMEIDA, R. de. A onda quebrada – evangélicos e conservadorismo. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n. 50, p. 1-27, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1590/18094449201700500001>. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8650718>. Acesso em: 19 jan. 2022.

ARAÚJO, E. **Neste domingo de páscoa, no Sri Lanka [...]**. 21 apr. 2019. X: @ernestoaraujo. Disponível em: <https://twitter.com/ernestofaraujo/status/1119992299197386755>. Acesso em: 19 jan. 2024.

ARAÚJO, E. **2/A "oikophobia [...]**. 30 out. 2020. X: @ernestoaraujo. Disponível em: <https://twitter.com/ernestofaraujo/status/1322193582871203843>. Acesso em: 19 jan. 2024.

ARMSTRONG, K. **Em nome de Deus: o fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo**. Tradução de Hildegard Feist. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2001.

BERGSON, H. **Matéria e memória**. Tradução de Paulo Neves. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BÍBLIA, João. BÍBLIA, Português. **Bíblia de estudo Palavra-chave Hebraico e Grego**. Tradução de Degmar Ribas Júnior, Maria Helena Pereira Aranha, Marcelo Silva Gonçalves, Marcus Aurélio Braga, Paulo Sérgio Gomes, Valdemar Kroker. Rio de Janeiro: CPAD, 2020. Cap. 15, vers. 10.

BÍBLIA, 2 Timóteo. BÍBLIA, Português. **Bíblia de estudo Palavra-chave Hebraico e Grego**. Tradução de Degmar Ribas Júnior, Maria Helena Pereira Aranha, Marcelo Silva Gonçalves, Marcus Aurélio Braga, Paulo Sérgio Gomes, Valdemar Kroker. Rio de Janeiro: CPAD, 2020. Cap. 3, vers. 12.

BOLSONARO, E. **Cristofobia**. 16 nov. 2022. X: @BolsonaroSP. Disponível em: <https://twitter.com/bolsonarosp/status/1593288776821899276?lang=zh-Hant>. Acesso em: 19 jan. 2024.

BOLSONARO, J. M. – **Na ONU, denunciei a existência [...]**. 19 out. 2020. X: @jairbolsonaro. Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1318354503477985283>. Acesso em: 19 jan. 2024.

BURITY, J. Políticas de minoritização religiosa e globalização: notas para um estudo de redes religiosas de ativismo socio-político transnacional. **Revista Latinoamericana de Estudios sobre Cuerpos, Emociones y Sociedad**, Córdoba, v. 7, n. 18, p. 19-30, 2015. Disponível em: <https://relaces.com.ar/index.php/relaces/article/view/395>. Acesso em: 19 jan. 2024.

BURITY, J. A onda conservadora na política brasileira traz o fundamentalismo ao poder? In: ALMEIDA, R.; TONIO, R. (org.). **Conservadorismos, fascismos e fundamentalismos**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2018. p. 15-66.

CÂMARA.LEG.BR. **Frente Parlamentar Evangélica do Congresso Nacional**. Brasília, 17 abr. 2019. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/internet/deputado/frenteDetalhe.asp?id=54477>. Acesso em: 19 jan. 2024.

CARRANZA, B. Cristofobia. **Religião e poder**. 2022. Disponível em: <https://religioepoder.org.br/artigo/cristofobia/>. Acesso em: 19 jan. 2024.

COSTA, S. S.; SILVA, F. V. O discurso fundamentalista cristão no Governo Bolsonaro: uma análise de enunciados do *Twitter*. **Redis: revista de Estudos do discurso**, Porto, n. 12, v. 1, p. 43-72, 2023. DOI: <https://doi.org/10.21747/21833958/red12a2>. Disponível em: <https://ojs.letras.up.pt/index.php/re/article/view/13239>. Acesso em: 19 jan. 2024.

BALLOUSIER, A. V. Cara típica do evangélico brasileiro é feminina e negra, aponta Datafolha. **Folha de S. Paulo**, 13 jan. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.com.br/poder/2020/01/cara-tipica-do-evangelico-brasileiro-e-feminina-e-negra-aponta-datafolha.shtml>. Acesso em: 19 jan. 2024.

DELEUZE, G. O que é um dispositivo. In: DELEUZE, G. **Michel Foucault, filósofo**. Tradução de Edmundo Cordeiro. Barcelona: Gedisa, 1990. p. 155-161.

DELEUZE, G. **Foucault**. Tradução de Claudia Sant'Anna Martins. São Paulo: Brasiliense, 2005.

DERRIDA, J. Fé e Saber. In: DERRIDA, J.; VATTIMO, G. (org.). **A religião**. Tradução de Tadeu Mazzola Verza. 3. ed. São Paulo: Liberdade, 2018. p. 11-89.

FELICIANO, M. **Eu, pastor, estou falando de política hoje [...]**. 5 dez. 2021. X: @marcofeliciano. Disponível em: <https://twitter.com/marcofeliciano/status/1467529375012859904?lang=en>. Acesso em: 19 jan. 2024.

FELICIANO, M. **Imprensa me ligando para dizer que [...]**. 18 ago. 2022. X: @marcofeliciano. Disponível em: <https://twitter.com/marcofeliciano/status/1560276683487264771>. Acesso em: 19 jan. 2024.

FELICIANO, M. **Para quem tem alguma dúvida [...]**. 1 jun. 2022. X: @marcofeliciano. Disponível em: <https://twitter.com/marcofeliciano/status/1532089605054406656?lang=en>. Acesso em: 19 jan. 2024.

FERREIRA, M. L. Evangélicos e Extrema Direita no Brasil: um projeto de poder. **Revista Fim do Mundo**, v. 1, n. 1, p. 46-71, jan./abr. 2020. DOI: <https://doi.org/10.36311/2675-3871.2020.v1n01.p46-71>. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/RFM/article/view/10204>. Acesso em: 19 jan. 2024.

FERREIRA, T. A. "Por que ninguém fala de cristofobia?": hegemônias em disputas e (re)construção de crenças no Brasil contemporâneo. Dossiê Renato Ortiz, 70 anos: uma obra e muitos ensinamentos depois. **Arquivos do CMD**, v. 8, n. 1, p. 139-162, jan./jun. 2019. DOI: <https://doi.org/10.26512/cmd.v7i01.29626>. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/CMD/article/view/29626>. Acesso em: 19 jan. 2024.

FOUCAULT, M. **A verdade e as formas jurídicas**. Tradução de Eduardo Jardim e Roberto Machado. 4. ed. Rio de Janeiro: Nau, 2013.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 24. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

FOUCAULT, M. **Arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2017.

FOUCAULT, M. **Do governo dos vivos**: Curso no Collège de France, 1979-1980: excertos. São Paulo: Achiamé, 2011.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Organização de Roberto Machado. 11. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

FRANCIA, R. V. **La casa parroquial de La iglesia [...]**. 20 out. 2020. X: @rvfradiopopular. Disponível em: <https://twitter.com/rvfradiopopular/status/1318403512477405185?ref>. Acesso em: 19 jan. 2024.

GONDIM, A. M. A identidade nacional nas batalhas dos Guararapes. **Revista Fórum Identidades**, Itabaiana, v. 31, n.1, p. 189-204, jun. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/forumidentidades/article/view/14807>. Acesso em: 19 jan. 2024.

MATOS JÚNIOR, F. A. Relações dialógicas em discursos típicos do charlatanismo de igrejas neopentecostais em elementos de cura: água e óleo. **Diálogo das Letras**, Pau dos Ferros, v. 12, p. 1-16, 2023. DOI: <https://doi.org/10.22297/2316-17952023v12e02302>. Disponível em: <https://periodicos.apps.uern.br/index.php/DDL/article/view/4678/3758>. Acesso em: 19 jan. 2024.

LIMA, L. Projeto conservadores ameaçam direitos LGBTQIA+ no Congresso. **Metrópoles**. 06 out. 2021. Disponível em: <https://www.metrosoles.com/brasil/politica-brasil/projetos-conservadores-ameacam-direitos-lgbtqia-no-congresso>. Acesso em: 19 jan. 2024.

NIETZSCHE, F. **Genealogia do moral**: uma polêmica. Tradução de Paulo César de Souza. 10. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

NIETZSCHE, F. **A Gaia Ciência**. Tradução de Paulo César de Souza. 4. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

PÉREZ GUADALUPE, J. L. **Evangelicals and Political Power in Latin America**. Tradução de Judy Butler; Shirley Cjahuá. Statutory Deposit at the National Library of Peru Number 2019-0666. 1st ed., June 2019.

PORTAS ABERTAS. **Entenda a perseguição: atualmente, mais de 36 milhões são perseguidos no mundo**. 2023. Disponível em: <https://portasabertas.org.br/lista-mundial/entenda-a-perseguiacao-aos-cristaos>. Acesso em: 19 jan. 2024.

SOBRINHO, W. P. Câmara tem 83% mais projetos sobre aborto em 2020. **Uol**. São Paulo, 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/09/14/projetos-de-lei-aborto-camara-dos-deputados.htm>. Acesso em: 19 jan. 2024.

SLOTERDIJK. **Pós-Deus**. Tradução de Markus A. Hediger. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

SOUZA, M. D. **Denúncias de intolerância religiosa aumentaram 56% no Brasil em 2019**. Bdf, São Paulo, 21 jan. 2020. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/01/21/denuncias-de-intolerancia-religiosa-aumentaram-56-no-brasil-em-2019>. Acesso em: 19 jan. 2024.

SUZUKI, S. **A rede de notícias falsas que faz manifestações bolsonaristas desconfiarem do próprio presidente**. BBC NEWS BRASIL, São Paulo, 3 nov. 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-63494495>. Acesso em: 19 jan. 2024.

TÉRCIO, C. **Vote nos deputados terrivelmente cristãos**. 28 set. 2022. X: @clarissatercio.  
Disponível em: <https://mobile.x.com/claudiaelaine>. Acesso em: 19 jan. 2024.

TONI, C. **Essa é mais do que suma simples eleição [...]**. 16 ago. 2022. X: @CarolDeToni.  
Disponível em: <https://twitter.com/CarolDeToni/status/1559499108620156929>. Acesso em:  
19 jan. 2024.

*Artigo recebido em: 01/02/2024*

*Artigo aprovado em: 06/03/2024*

*Artigo publicado em: 08/04/2024*

#### COMO CITAR

COSTA, S. de S.; SILVA, F. V. da. Cristofobia, ressentimento religioso e discurso político no X. **Diálogo das Letras**, Pau dos Ferros, v. 13, p. 1-16, e02403, 2024.